

Arcabouço mantém sinalização de regime fiscal mais flexível à frente. O governo enviou ao Congresso o projeto de lei do novo arcabouço fiscal sem grandes surpresas em relação ao esboço que já tinha sido apresentado pelo ministro Haddad. Apesar da ausência de grandes surpresas, o mercado reagiu mal à materialização dos riscos de uma proposta de regime fiscal excessivamente dependente de ganhos de arrecadação, com pouca clareza acerca de mecanismos de controle de gastos e enfraquecimento dos constrangimentos ao gestor que não cumprir metas fiscais. Os líderes do Congresso prometeram empenho na aprovação rápida da proposta e alguns deputados já antecipam alterações que aumentem o *enforcement* da lei ao cumprimento das metas fiscais. A autoridade monetária manteve a leitura de que o arcabouço está na direção correta, reduzindo os riscos de cauda da política fiscal, mas seu impacto sobre a política monetária é condicionado aos efeitos que ele venha a ter nas expectativas de inflação, que atualmente estão bastante afastadas da meta.

Abertura de CPI é risco para agenda de aumento de receitas.

Uma unanimidade nas análises acerca do novo regime fiscal é sua grande dependência do aumento de arrecadação para conciliar uma regra de gastos mais generosa do que o teto prevalente atualmente com uma meta de entregar resultados primários positivos num horizonte relativamente curto de dois anos. Nesse contexto, a coordenação política do governo com o Congresso será crucial para aprovar as medidas de aumento de receitas e prover consistência ao plano de ajuste fiscal de Haddad. Ciente desse desafio, o ministro de relações institucionais, Alexandre Padilha, garantiu que a abertura de uma CPI no Congresso para investigar os protestos do dia 8 de janeiro não irá interferir na agenda de votações do governo. Essa CPI se tornou inevitável após o vazamento de imagens do general Gonçalves Dias, então ministro chefe do GSI, interagindo amistosamente com manifestantes dentro do Palácio do Planalto em 08/01.

Na China, retomada mais forte da atividade.

PIB no Q1 superou as expectativas registrando alta de 4.5% na comparação anual. O processo de reabertura continua a impulsionar a economia, com o setor de serviços registrando alta de 9.2% em março. Destaque também para as vendas no varejo que cresceram 10.6%, bem acima do esperado. Os dados relacionados a investimentos e produção industrial tiveram resultados mais modestos, mas ainda assim sólidos. Uma retomada mais forte da economia tem contribuído para a recuperação do mercado de trabalho que registrou queda de 30bps para a taxa de desemprego. A expectativa é que o setor de serviços continue puxando o PIB em direção a um crescimento ao redor de 6% em 2023.

No Reino Unido, salários e inflação em alta.

Emprego registrou forte ganho de 169k nos três meses até fevereiro, evidenciando uma demanda que segue robusta além de um aumento na oferta de mão-de-obra. O mercado de trabalho aquecido levou a uma nova reaceleração dos salários, que acumulam alta de quase 7% nos últimos 12 meses no setor privado. Pelo lado da inflação, os números voltaram a surpreender em março acumulando alta de 10.1%. As pressões foram disseminadas entre alimentos, bens e serviços. O resultado ficou quase 1 ponto percentual acima da última projeção do BoE, evidenciando uma inflação mais persistente do que o esperado. Diante disso, a autoridade monetária deve optar por uma nova alta de 25bps na próxima reunião em maio.

